

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Carlos T. Mendes

REDACTORES

Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Westin Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 4

Setembro - Outubro de 1929

N. 9 e 10

Premio de Viagem ao Estrangeiro

Por motivo que ignoramos, mas nem por isso é menos lamentavel o facto, ou menos triste — ha seis ou sete anos que a Escola Agricola de Piracicabá não tem a distincção de ver algum de seus agronomos merecer uma viagem ao estrangeiro.

Todo o mundo sabe que o Japão, para ser o que é, em vez de importar livros do ocidente, ou tecnicos e cientistas, preferiu invadir os meios scientificos europeus e norte-americanos, com um bando numeroso de cidadãos de olhos de amendoa, muito espertos e vivos, e sobretudo curiosos e avidos de tudo captarem, como antenas afiadas de um T. S. F. Esses cidadãos voltaram á patria japonesa, e realizaram o milagre que todo o mundo sabe.

Todo brasileiro mais ou menos alfabetizado crê, piamente, nas virtudes desse método, que consiste em importar cultura sem . . . pagar alfandega. Mas do crêr ao praticar, o caminho é longo e penoso para o brasileiro. E aí temos, como medida esplendida de economia, esse córte das viagens de aperfeiçoamento tecnico, no estrangeiro, decretada por um Ministro da Agricultura!

O actual titular dos negocios agricolas, procurando

seguir a grande política de Simões Lopes — a quem, nós, agrônomos devemos um tanto do quanto hoje valemos no Brasil — reiniciou, com applausos de todos, aquele método precioso, como fomento para o progresso da nossa cultura agrônômica.

E graças também aos esforços inteligentes de seu diretor, é chegada a vez, da Escola de Piracicaba, de ser chamada a indicar nomes de diplomados seus, afim de merecerem o prêmio de um estágio no meio agrônômico estrangeiro, para aperfeiçoamento técnico. Nada mais digno de registro do que essa notícia que passou, por isso, do noticiário para esta seção editorial.

A esse respeito somos da opinião de que, pouco importa, que essa prática nem sempre dê os resultados presupostos. É verdade, há uma perda talvez de 50 ou 80 p. c. de esforços. Suponhamos, para argumentar, que o governo despenda mil libras por agrônomo, que manda estudar no estrangeiro. Isso importa, mais ou menos em 48 contos. Quantas vezes 48 contos o Ministério não tem gasto, baldamente, em contratados, que fatalmente vêm aqui aprender a conhecer as nossas condições agrossociais, e agro-climáticas, primeiramente, e mal terminaram essa aprendizagem, é tempo de regressarem, pois que extinguíram-se seus contratos? E de sua passagem nem a pegada de uma realização . . .

Demais, si ineficiência tem havido, a responsabilidade quase total tem de recair em cheio nos processos elementares de escolha. E por fim, a simples viagem, num ambiente mais culto, já constitui uma aprendizagem forçada, que o técnico realiza com aproveitamento, pois estamos que tem razão imensa aquela personagem de João do Rio, ao dizer que “viajou ao em vez de ser bacharel” . . . Em vez de um bacharel sem viajar, mais vale um agrônomo-bacharel que viajasse . . .

Outubro, 26, 1929.

J. A. ANTONIL